

**veja**  
ESPECIAL



ILUSTRAÇÃO BETO MEIME

# A HERANÇA DE UM ANO INESQUECÍVEL

## APRESENTAÇÃO

**70**

Como as mudanças ensaiadas naquele tempo nos trouxeram aos dias de hoje

## INTERNACIONAL

**72**

O romantismo revolucionário não chegou a abalar as estruturas

## BRASIL

**78**

A utopia da derrubada da ditadura que tomou as ruas terminou na cadeia

## CULTURA

**80**

Tropicalismo, Beatles e Stones — nem todos os radicais estavam no mesmo time

## IDEIAS

**84**

Por que o mais célebre slogan de Paris, “É proibido proibir”, se mantém atual



## APRESENTAÇÃO



EVANDRO TEIXEIRA/JB

**RIO DE JANEIRO, MARÇO** Soldados da PM batem nos estudantes que protestavam contra a morte do secundarista Édson Luís

# O ECO DAS RUAS DE 1968

Os cinquenta anos daquele tempo dramático e extraordinário mostram como as mudanças ensaiadas no fim da década de 60 do século passado ajudaram a moldar o mundo de hoje — em aspectos de que mal nos damos conta, mas que são inescapáveis



JK/MAGNUM PHOTOS/FOTARENA

**PRAGA, AGOSTO** Os tanques soviéticos sufocam o movimento democrático que ensaiava arejar o comunismo ortodoxo

**P**ara o jornalista Zuenir Ventura, autor do mais bonito livro brasileiro sobre aquele tempo dramático e extraordinário, 1968 foi “o ano que não terminou”. Para Daniel Cohn-Bendit, o mercurial líder estudantil das ruas de Paris, “1968 acabou”, e por isso ele decidiu há séculos fugir do tema, como quem evita apenas beber do passado, talvez porque tenha se cansado de sempre dar as mesmas respostas diante das mesmíssimas perguntas — apesar de, contraditoriamente, um de seus filhos ter como fundo de tela no smartphone a foto clássica do pai com olhar irônico encarando um policial do governo de Charles de Gaulle. Mas, afinal de contas, 1968 acabou ou não? Zuenir Ventura tem razão, aqueles doze meses ainda ecoam como guitarras elétricas, embora Cohn-Bendit insista em querer virar a folhinha do calendário.

Cinquenta anos depois, 1968 não para de ser evocado, porque foi realmente especial — há nele doses consideráveis do charme permanente da cultura pop (Beatles, Rolling Stones, Caetano & Gil & Chico), há o terror do período mais duro da ditadura militar no Brasil, com a promulgação do AI-5, há o mundo mergulhado nos horrores da Guerra do Vietnã, assustado com o assassinato de Martin Luther King e de Bob Kennedy, além de uma sucessão espetacular de movimentos de jovens — quase sempre — que foram às ruas, para morrer se preciso fosse, contra o poder, qualquer poder, de direita ou de esquerda. No Brasil, eles protestavam contra as forças do governo de quepe que matou um estudante secundarista (Édson Luís, em março). Na Checoslováquia, esbravejavam contra os tanques soviéticos que esmagavam a Primavera Democrática (em agosto). Nas próximas dezesseis páginas, VEJA esmiúça os eventos daquele ano, ora em preto e branco, ora em cores, que moldou o mundo de hoje. ■



INTERNACIONAL

# A FANTASIA NO PODER

O romantismo revolucionário de 1968 não abalou as estruturas políticas e econômicas da sociedade, mas inaugurou a era do protagonismo da juventude — e dos ideais de contestação e destruição criativa **DIOGO SCHELP**

“A LIBERDADE só existe onde não é invocada.” A frase do escritor e jornalista Ludvík Vaculík (1926-2015), da Checoslováquia, foi citada na reportagem de capa da edição de número 1 de VEJA, de 11 de setembro de 1968, cuja manchete era “O grande duelo no mundo comunista”, para resumir o espírito reformista que tomara conta do satélite soviético naquele ano, no episódio que ficou conhecido como Primavera de Praga. O movimento, que começou com a ascensão, em janeiro, de Alexander Dubček (1921-1992) para o cargo de secretário-geral do Partido Comunista e ganhou forma intelectual no manifesto *Duas Mil Palavras*, de autoria de Vaculík, não pretendia derubar o regime comunista, apenas lhe conferir uma “face humana”, com respeito às liberdades individuais. Foi esmagado em agosto pelos tanques soviéticos e pela mentira, difundida com sucesso

entre outros países por detrás da Cortina de Ferro, de que não passava de um esforço contrarrevolucionário patrocinado por agentes externos. “O sonho da liberdade era absolutamente inaceitável, um verdadeiro veneno para os regimes comunistas”, diz o historiador Stefan Karner, da Universidade de Graz, na Áustria.

Mas não foi só em Praga que as massas — jovens, em sua maioria — foram às ruas para invocar liberdade. O mesmo fenômeno repetiu-se em inúmeras cidades ao redor do mundo. De Berlim à Cidade do México, de Paris a Tóquio, de Chicago ao Rio de Janeiro, a juventude dos anos dourados do período pós-II Guerra Mundial voltou-se com fúria contra o *establishment* político, os traços autoritários da sociedade (mesmo nas democracias), a intolerância racial, o machismo e as guerras estúpidas travadas em países distantes, que mais pareciam prolongamentos das ba-

## OS ALEMÃES

Acima, Daniel Cohn-Bendit, em protesto em Paris, em maio. Nascido na França, era cidadão alemão e foi influenciado por Rudi Dutschke (*em protesto contra a Guerra do Vietnã, em fevereiro, em Berlim*).

Ambos exaltavam a “espontaneidade” de seus movimentos estudantis





ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES



WOLFGANG KUNZ/ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES



# OS TUITES DE 1968

A história daquele ano se as redes sociais da internet já existissem



**@Charles de Gaulle • 1º de janeiro**

No primeiro dia de um novo ano, digo que é impossível ver como a França, hoje, poderia ser paralisada por crises, como aconteceu no passado.

[#Quinta República](#) [#DouceFrance](#)  
[#n'estpasunpayssérieux](#)

1 4 0



**@Lyndon Johnson • janeiro**

Mal começou o ano e o Vietnã do Norte voltou a nos atacar.

O inimigo sabe que não poderá obter uma vitória militar. [#USA](#)  
[#Vietnã](#) [#Guerra](#)

1 4 0



**@Eddie Adams • 1º de fevereiro**

Viralizou a foto que fiz do chefe da polícia de Saigon, Nguyen Ngoc Loan, executando o oficial vietcongue Nguyen Van Lém. Difícil de acreditar. [#AP](#)

[#fotografia](#) [#Vietnã](#)



1 4 4



**@Associated Press • 7 de fevereiro**

“É preciso destruir a cidade para salvá-la”, disse um major americano no Vietnã sobre a cidade de Ben Tre, no Delta do Mekong. [#Vietnã](#)

[#PeterArnett](#) [#jornalismo](#)

2 10 150



## INTERNACIONAL



PHILIP JONES GRIFFITHS/MAGNUM PHOTOS/FOTORENA

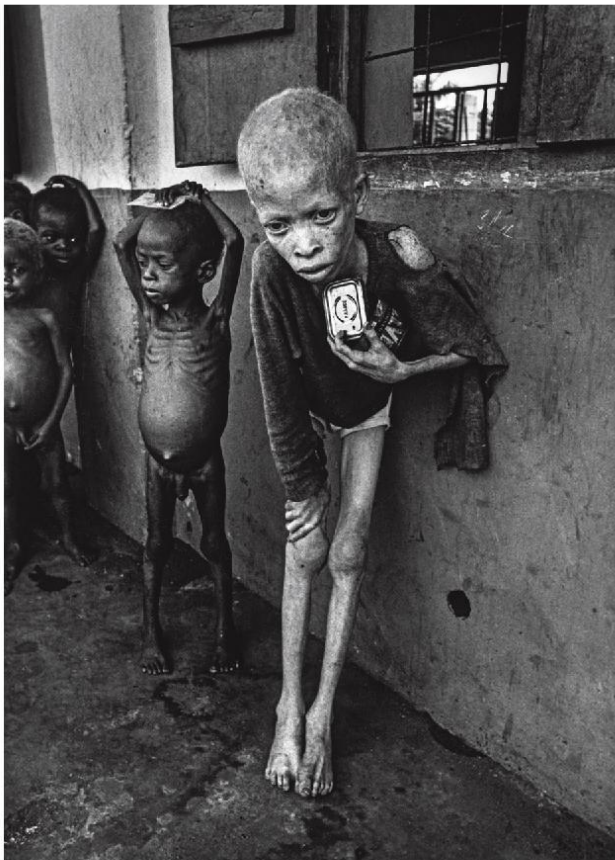
**GUERRA INÚTIL** Menino vietnamita chora ao ver o corpo da irmã, morta em bombardeio americano como resposta à Ofensiva Tet

talhas colonialistas do passado. As imagens desses conflitos, como a do capitão vietcongue sendo executado com um tiro na cabeça no Vietnã e as de crianças morrendo de fome em Biafra, na África, serviam para confirmar as suspeitas dos universitários revoltosos do Ocidente de que, escondidos na fachada democrática de seus governos, se ocultavam verdadeiros fascistas.

“A crise de 1968 nasceu de uma juventude que, em contato com teses ‘esquerdistas’ (anarquistas, maoistas, trotskistas), rejeitava a sociedade burguesa e sonhava com uma revolução que, partindo da universidade, ganharia a sociedade inteira”, diz o historiador francês Serge Bernstein, do Instituto de Estudos Políticos de Paris (Sciences Po). “Esses jovens desejavam combater o conservadorismo no poder, mas também o comunismo stalinista e o socialismo democrático. Eles encontravam inspiração em um Terceiro Mundo que mal conheciam, mas idealizavam.” Muitos estudantes americanos e europeus viam a Revolução Cultural de Mao Tsé-tung — um violento período de aprofundamento do processo revolucionário chi-

nês que matou 3 milhões de pessoas ao longo de dez anos e atingiu seu auge em 1968 — com admiração, pois ela representava a tão almejada luta do novo contra o velho por meio da autocrítica caótica e seu fim. “Mao incentivava os jovens a dizer qualquer coisa, a denunciar qualquer um. Quase não havia censura”, diz Roderick MacFarquhar, professor de história e ciência política da Universidade Harvard, nos Estados Unidos. O profeta dos rebelados de 1968 era o filósofo alemão Herbert Marcuse (1898-1979). Exilado nos Estados Unidos, ele preconizava que um ato violento cometido por uma minoria oprimida não inicia uma nova corrente de violência, mas interrompe a anterior.

A desobediência pacífica que marcou os protestos dos anos anteriores já não era mais suficiente para dar vazão aos anseios por mudança. A luta pelos direitos civis nos Estados Unidos, por exemplo, que obtivera resultados transformadores com a lei de 1964 (ampliada em 1965 e 1968) que proibiu a discriminação com base em raça, sexo, cor, religião ou nacionalidade, ganhara contornos paramilitares com o Partido dos Panteras Negras, que surgiu co-



DON MCCOLLIN/CONTACT PRESS IMAGES

**FOME** Crianças subnutridas em Biafra, uma região separatista da Nigéria, em junho: descaso das ex-potências coloniais

mo resistência armada à brutalidade policial contra a população negra — o mesmo tema do atual movimento Black Lives Matter (“Vidas negras importam”, em inglês). Para não deixar dúvida dessa inflexão radical, quis a história que duas vezes moderadas em favor dos direitos civis se calassem em 1968: a do reverendo Martin Luther King, assassinado por um delinquente racista em abril, e a do candidato presidencial democrata Robert Kennedy, morto por um radical palestino em junho. A perda para a política americana foi enorme. Ambos haviam adotado uma posição clara pelo fim da Guerra do Vietnã, algo que só veio a se concretizar sete anos depois.

O repúdio à intervenção americana no Vietnã, mais do que qualquer outra causa, era o que unia a rebeldia de diferentes nacionalidades e tendências políticas. A onda de protestos estudantis de 1968, aliás, começou em fevereiro, com um congresso sobre o Vietnã em uma universidade berlinesa — poucos dias depois de as forças do norte comunista terem lançado a Ofensiva Tet, uma das mais sangrentas do conflito, que expôs definitivamente as feridas da guerra.



**@Andy Warhol** · fevereiro

No futuro, todo mundo será famoso durante quinze minutos.

[#catálogoeexposição](#) [#estocolmo](#) [#popart](#)



22 5 1300



**@Bob Kennedy** · 8 de fevereiro

Nossa nação precisa ser informada sobre a verdade desta guerra, em toda a sua terrível realidade. [#paz](#) [#PartidoDemocrata](#)

1 7 6



**@Gilberto Freyre** · março

Meu espanto com bispos falsamente progressistas que se metem em questões políticas, falam sobre os vietcongues e faltam com a caridade.

[#CasaGrande&Senzala](#) [#Pernambuco](#)

3 12 58



**@Restaurante Calabouço**  
**Rio** · 29 de março

Mataram um estudante. Podia ser seu filho! [#EdsonLuís](#) [#AbaixoADitadura!](#)

2 1500 35



**@O Globo** · 29 de março

Em cartaz nos cinemas da Cinelândia, no Rio: *A Noite dos Generais*, *À Queima-Roupa* e *Coração de Luto*.

[#Hollywood](#) [#Diversão](#)

1 4 4



**@Martin Luther King** · 3 de abril

Bem, eu não sei o que acontecerá agora. Temos dias difíceis pela frente. Mas, para mim, isso não importa mais, porque eu estive no topo da montanha.

[#sermão](#) [#discurso](#) [#direitoscivis](#)

1200 9 72



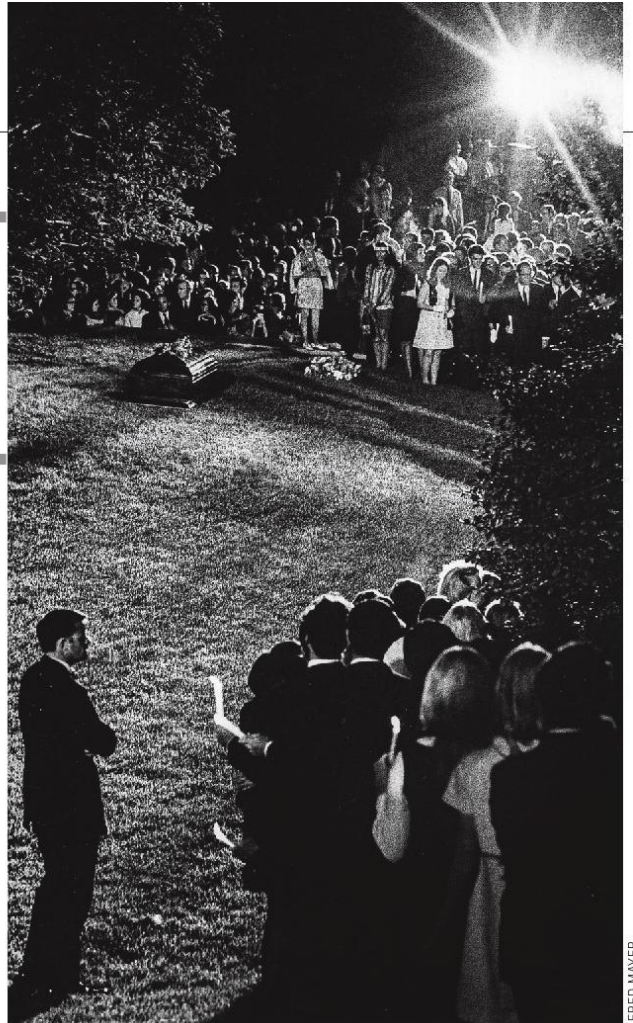
## INTERNACIONAL

Na ocasião, sob uma bandeira vietcongue, o líder estudantil Rudi Dutschke (1940-1979) encerrou o discurso principal, para delírio da plateia, com as seguintes palavras: “Viva a revolução mundial e a sociedade e os indivíduos livres que dela resultarão!”. Em seguida, dezenas de milhares de estudantes foram às ruas de Berlim. Dois meses mais tarde, Dutschke sobreviveu, com graves sequelas, a uma tentativa de assassinato cometida por um neonazista, que disparou três tiros contra sua cabeça. O atentado causou grande impacto em Daniel Cohn-Bendit, um jovem franco-alemão que dias depois lideraria o levante universitário na França e, com sua calça Lee e seu megafone, se tornaria o arquétipo do “revolucionário estudantil” (veja reportagem na pág. 84).

Mas que revolução era essa que a juventude rebelada tanto almejava? Para Dutschke, ela deveria ser essencialmente antiautoritária, mas ele se recusava a apresentar uma utopia concreta para a sociedade. Cohn-Bendit foi confrontado por questão idêntica — e por ninguém menos que o filósofo Jean-Paul Sartre (1905-1980). Em entrevista publicada em 20 de maio na revista *Le Nouvel Observateur*, Sartre perguntou a Cohn-Bendit por que ele não ela-

## TRAGÉDIA FAMILIAR

O enterro de Bob Kennedy, em Washington, em junho: assassinado em plena campanha presidencial



FRED MAYER



CONSTANTINE MANOSMAGNUM PHOTOS/FOTORENA

**FIM DO SONHO** O corpo de Martin Luther King é velado por sua mulher, Coretta, e seus filhos, em Atlanta, na Geórgia, em abril



borava um programa político. De que adiantava “quebrar tudo” sem saber o que pôr no lugar? Cohn-Bendit respondeu que a força do movimento de maio em Paris era justamente sua “espontaneidade incontável”.

A razão para a ausência de propostas concretas era condizente com o contexto em que a juventude de 1968 cresceu. Do ponto de vista das conquistas materiais, não havia do que reclamar. Foram duas décadas de grande crescimento econômico no Ocidente. Nos Estados Unidos, a porcentagem de famílias negras que viviam na miséria caiu pela metade. As taxas de desemprego na Alemanha e na França eram inferiores a 2%. Nunca tantos jovens ganharam acesso ao ensino superior. A França tinha, logo após a II Guerra, 100 000 estudantes universitários. No fim da década de 60, eram mais de 600 000. Os jovens de 1968 não eram, em sua maioria, despossuídos exigindo mais acesso a recursos. Eles estavam pegando a liberdade que lhes havia sido dada e queriam mais. “Não era um chamado à revolução, apesar de sua retórica, mas sim um movimento por reformas rápidas e pessoais dentro das estruturas sociais e políticas existentes”, escreveu Jeremi Suri, professor de história da Universidade do Texas, em Austin, em artigo publicado em 2009. A insatisfação da geração da contracultura era fruto do contexto de competição ideológica da Guerra Fria e da ameaça de aniquilamento nuclear mútuo, que instigavam os jovens a buscar sentido para sua vida além das necessidades materiais básicas.

Nenhum governo foi derrubado pelos movimentos estudantis de 1968, e as estruturas políticas permaneceram como eram. Mas, pela primeira vez, surgiu uma cultura jovem global. A juventude deixou de ser simplesmente um estágio de transição para a idade adulta e passou a definir padrões por conta própria. A contracultura conectou a crítica do comportamento social à política. E, com isso, legou para a atualidade o ideal de contestação dos modelos vigentes e de ruptura que tanto se exalta na era digital — que, não por acaso, foi construída por ex-hippies tardios como Steve Jobs, o fundador da Apple, que tinha 13 anos em 1968. Questionar o próprio poder e rever constantemente a maneira de fazer as coisas são formas de não sucumbir ao conformismo e de não ser superado pelo novo que pode surgir de qualquer outro lugar. No fim, ironicamente, os revolucionários de 1968 inauguraram um período de mudanças contínuas nos paradigmas do capitalismo e da sociedade de consumo como um modo de manter o próprio capitalismo e a sociedade de consumo. Uma das frases pichadas nos muros de Paris, há cinquenta anos, bem que poderia servir de slogan para as empresas do atual mundo digital: “A fantasia no poder”. ■

Com reportagem de Luiza Queiroz



**@The New York Times** • 5 de abril

Martin Luther King foi assassinado em Memphis; um branco é suspeito; Johnson pede calma. [#primeirapágina](#)

170 75 0



**@Hal9000** • 29 de abril

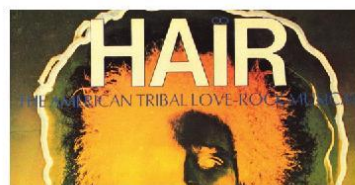
“Dave, minha consciência se esvai. Estou sentindo.” [#2001](#) [#StanleyKubrick](#) [#UmaOdiseianoEspaço](#)

9 9 9



**@Gerome Ragni** • 29 de abril

*Hair* estreia na Broadway depois de 45 dias de sucesso off-Broadway. [#EraseAquarius](#) [#ClaudeBukowski](#) [#GeorgeBerger](#)



1 9 6



**@Jean-Luc Godard** • 19 de maio

Eu falo de solidariedade com os estudantes e trabalhadores e vocês vêm me falar de travellings e grandes planos? [#FestivaldeCannes](#) [#Truffaut](#) [#Forman](#) [#Polanski](#) [#NouvelleVague](#) [#ParisMaio1968](#)

14 130 12



**@Festival de Cannes** • 19 de maio

Anúncio de Robert Favre Le Bret, diretor do festival: “Como as circunstâncias não permitem garantir as projeções, decidimos interromper o festival”. [#Godard](#) [#Truffaut](#) [#Forman](#) [#Polanski](#)

15 160 14



**@Folha de S. Paulo** • 26 de maio

O primeiro transplante de coração da América Latina foi feito pelo médico Euryclides de Jesus Zerbini no Hospital das Clínicas de São Paulo. O paciente passa bem. [#coração](#) [#saúde](#)

3 140 160



BRASIL

# A UTOPIA CAIU NA REAL

Os jovens presos nas manifestações e no congresso da UNE queriam derrubar a ditadura. Mais de três décadas depois assumiriam o poder, mas, ironicamente, acabaram presos de novo, por corrupção **LUISA BUSTAMANTE**

**MESMO AGORA**, com a internet disseminando ideias, atitudes e movimentos por todo o planeta em tempo real, o Brasil às vezes demora a engatar a primeira. Imagine em 1968, quando as notícias corriam, quase lentamente, pelo rádio e pela TV. Enquanto o Ocidente, sobretudo, era varrido pelas mentes e pelos discursos da contracultura, aqui (como, aliás, em toda a América Latina vergada sob regimes totalitários), tirando uma ou outra manifestação artística nas grandes cidades, o vento de renovação demorou a soprar. No Brasil de 1968, a ditadura militar transpunha a fronteira entre envergonhada e escancarada, na qualificação definitiva do jornalista Elio Gaspari. A mobilização dos jovens, quando havia, concentrava-se em derrubar o governo. “A visão marxista privilegiava a luta de classes.

Qualquer movimento alheio a isso era considerado secundário, enfraquecedor. A ideia dominante na esquerda era que as bandeiras erguidas pelos protestos de 1968 não tinham expressão”, diz o jornalista Fernando Gabeira, que sabe do que está falando: foi guerrilheiro, preso político, exilado e, depois, deputado federal. Hoje, é um “liberal não radical” que se afastou dos partidos.

A utopia daqueles tempos descambou em luta armada, mortes, perseguições e tortura. Foi ali que nasceu também, empunhando a bandeira do idealismo e da igualdade social, uma nova geração de políticos. O 30º Congresso da União Nacional dos Estudantes, convocado para 12 de outubro em Ibiúna, no interior de São Paulo, acabou antes de começar, com cerca de 1 000 estudantes presos — entre



**1 000 PRESOS** Repressão em Ibiúna: “O desmantelamento do congresso da UNE assinalou o fim do movimento estudantil e criou condições da migração para a luta armada”, diz Daniel Aarão Reis, professor de história da Universidade Federal Fluminense

eles José Dirceu e José Genoino, líderes universitários de então. “O desmantelamento do congresso da UNE assinou o fim do movimento estudantil, já em declínio, e criou condições para a migração de militantes para as organizações empenhadas na luta dos grupos armados contra a ditadura”, afirma Daniel Aarão Reis, professor de história contemporânea da Universidade Federal Fluminense. Dirceu e Genoino seguiram esse caminho, foram presos e exilados. Quando enfim as eleições voltaram a ser livres, os dois, próceres do Partido dos Trabalhadores, ocuparam altos cargos no governo que se propunha a instaurar uma nova ordem no país. Triste epílogo das mazelas que predominam até hoje na política nacional: acabaram, ambos, presos de novo — desta vez por vexaminosa corrupção. Dirceu pegou dupla pena, no mensalão (sete anos e onze meses) e na Lava-Jato (trinta anos e nove meses). Indultado no primeiro, aguarda recursos do segundo em liberdade, de tornozeleira. Genoino foi condenado no mensalão a quatro anos e oito meses de cadeia, cumpriu oito meses e teve a pena extinta em 2015.

“Deu errado porque muitos políticos se utilizaram de alianças com setores atrasados, adeptos de mecanismos antirrepublicanos. O PT surgiu propondo uma visão ética de fazer política. Concluído o longo período do partido no poder, ficou claro que se tratava da mesma forma antiga de sempre”, comenta Gabeira. Aarão aponta um paralelo na trajetória de Dirceu e companhia, da guerrilha ao Congresso: a tendência a preferir o caminho mais curto. A luta armada era um atalho para a tomada do poder. As alianças sem princípios foram, de novo, um desvio para ocupar o governo e nele se perpetuar. “Abandonaram princípios e rasgaram programas para trilhar esse caminho mais rápido. A mixórdia que se seguiu foi consequência dessa opção. Pegar atalhos tem sempre um custo alto na política e na vida”, diz o historiador. Gabeira concorda: “Tudo se justificava pela ideia de que, como os fins eram nobres, podiam-se usar todos os meios”. Deu no que deu.

Em que pese a lerdeza do Brasil em embarcar em viradas históricas, o fim da ditadura enfim permitiu que aqui chegasse o principal legado de 1968 à política: de atividade restrita a um grupinho seleta, ela passou a ser assunto da população inteira. “O pessoal é político”, slogan do feminismo na época, ampliou-se para abranger as relações familiares, as relações entre homem e mulher, os direitos civis. Ao entrar para o dia a dia das pessoas, a política tornou-se alvo do olhar coletivo das sociedades. “Com a politização das relações, a política se espalhou para muitos recantos da vida comum. Demorou, mas hoje é um fenômeno muito presente, estimulado pelas mídias eletrônicas”, diz Gabeira. O Brasil da Lava-Jato carrega, sim, as marcas de 1968 — as ruínas, mas também as boas. ■



**@Daily Mirror • 6 de junho**

Deus! De novo, não! [#RFK](#)  
[#FamíliaKennedy](#) [#tragédia](#)  
[#assassinato](#)



160 1600 0



**@Jornal do Brasil • 26 de junho**

Cerca de 100 000 pessoas marcham pelo centro do Rio aos gritos de “Abaixo a ditadura. O povo no poder”. A polícia acompanha sem intervir. [#100mil](#) [#passeata](#) [#AbaixoDitadura!](#)

2 50000 100000



**@Nelson Rodrigues • 28 de junho**

Vi Vladimir Palmeira trabalhar a multidão. Incrível! Não sei qual será seu destino. Mas sei que é esta coisa cada vez mais rara: um homem. [#100mil](#)  
[#passeata](#) [#SalveoRegimeMilitar](#)

100 100 1000



**@Paul McCartney • 26 de agosto**

*Hey Jude, don't make it bad, / Take a sad song and make it better. / Remember to let her into your heart, / Then you can start to make it better.* [#John](#) [#George](#)  
[#Ringo](#) [#TheBeatles](#) [#FabFour](#)  
[#JulianLennon](#)

670 6000 9000



**@Deputado Marcio Moreira Alves • 2 de setembro**

É preciso que se estabeleça, sobretudo por parte das mulheres, como já começou a se estabelecer nesta Casa, por parte das mulheres parlamentares da Arena, o boicote ao militarismo. Vem aí o 7 de Setembro. [#discurso](#) [#Brasília](#) [#Congresso](#)

2 7 6



CULTURA

# A VIBRAÇÃO DOS RADICALISMOS

No ano da *tropicália* e de *Street Fighting Man*, dos Rolling Stones, a cultura estava na mão dos jovens mais exaltados e extremados. Mas eles não estavam todos no mesmo time **JERÔNIMO TEIXEIRA**



POLYGRAM/DIVULGAÇÃO

**GELEIA GERAL BRASILEIRA** A turma do disco-manifesto *Tropicália*: inovação que a esquerda ortodoxa não foi capaz de aceitar

**FRENTE A FRENTE** na foto em preto e branco, dois símbolos da agitação artística e política dos anos 60: John Lennon e Che Guevara, sentados muito próximos e com guitarras no colo, fazem uma improvisada e improvável *jam session*. O leitor talvez já tenha visto essa imagem, que muito circulou pelas redes sociais há alguns anos. Não está reproduzida nestas páginas por uma razão simples e sólida: é falsa. A figura de Che Guevara foi sobreposta à imagem do guitarrista Wayne “Tex” Gabriel, que tocou com o ex-beatle em sua carreira-solo, nos anos 70. Não, o roqueiro que se valia da música para pregar seu pacifismo ingênuo não era irmão do guerrilheiro que ambicionava espalhar o comunismo na África e na América Latina pela força do fuzil. Em novembro de 1968 — pouco mais de um ano depois de Che ter sido morto em sua fracassada ofensiva na Bolívia —, os Beatles lançavam seu décimo disco de estúdio, o chamado “álbum branco”. Em *Revolution*, Lennon e McCartney mostravam-se reticentes diante dos ímpetus subversivos daqueles tempos: “Você sabe, nós todos queremos mudar o mundo. (...) Mas quando você fala em destruição / Não conte comigo”. Sim, 1968 foi o ano mais radical de uma década radical, e a cultura naturalmente espelhou esse viés. Porém, nem todos os radicalismos eram iguais.

No Brasil, havia a radicalidade de Geraldo Vandré, que lançava o hino politizado *Pra Não Dizer que Não Falei das Flores*, e a radicalidade da tropicália, movimento que, com Caetano Veloso e Gilberto Gil à frente, era visto com franca hostilidade pela militância esquerdista. Nos Estados Unidos, havia a radicalidade violenta dos Black Panthers, movimento negro que então agitava as ruas, e a radicalidade de “paz e amor” do movimento hippie, em refluxo depois do “verão do amor” de 1967. Na Inglaterra, havia a radicalidade dos Beatles e a dos Rolling Stones. No mesmo ano do “álbum branco”, os Stones, ainda com o doidão radical Brian Jones em sua formação, lançavam *Beggars Banquet*, disco que trazia a endiabrada *Sympathy for the Devil* e *Street Fighting Man*, canção inspirada pelas agitações estudantis nas ruas francesas — a letra fala em “sonolenta Londres”, em insinuado contraste com a Paris de Daniel Cohn-Bendit. Foi o momento mais politizado dos Rolling Stones: a banda oriunda da classe média londrina parecia mais em sintonia com as barricadas do que o quarteto de origem operária de Liverpool. Isso só poderia ter ocorrido em 1968, o ano em que o estudante tomou o lugar do proletário na imaginação revolucionária.

Politicamente mais radical do que qualquer roqueiro inglês, o diretor italiano Pier Paolo Pasolini — que naquele ano lançava *Teorema*, ataque ácido ao convencionalismo burguês — não tinha simpatia pelo movimento estudantil: em um confronto entre os jovens e a polícia na Itália, o cineasta declarou ter simpatizado mais com os policiais,



**@Caetano Veloso** • 15 de setembro

São a mesma juventude que vão sempre, sempre, matar amanhã o velhote inimigo que morreu ontem. #FIC #Tuca #Gil #Éproibidoproibir #tropicalismo

10 35 35000



**@Geraldo Vandré**

• 29 de setembro

Vem, vamos embora / Que esperar não é saber / Quem sabe faz a hora / Não espera acontecer. #festival #hino

12 100 42000



**@Tom Jobim** • 5 de outubro

Chico, venha urgentemente. Presença imprescindível. Temos de estar juntos. A histórica vaia a *Sabiá* foi pra você também. #Rio #Vinicius

2 13 45



**@Janete de Ibiúna** • 11 de outubro

E esse congresso que nunca começa... E esse lamaçal, esse frio... Só a polícia poderá nos salvar! #Congresso #UNE #somos1000

1 5 0



**@Tommie Smith** • 16 de outubro

Os negros dos Estados Unidos entenderão o que fizemos esta noite. #PanterasNegras



12 40 41



**@Comitê Olímpico dos EUA**

• 17 de outubro

O atípico exibicionismo desses atletas violou as normas básicas das boas maneiras valorizadas pelos Estados Unidos. #USA #Coubertin

1 4 4



## CULTURA

## SINAIS DOS TEMPOS

Uma breve comparação entre os símbolos culturais de hoje e os de cinquenta anos atrás

## HOJE

## 1968

*O Outro Lado do Paraíso*

Novela

*Beto Rockfeller*



Instagram

Fotografia instantânea

Polaroid



DOB

Alucinógeno

LSD

Hip-hop

Música de contestação

Rock

Black Lives Matter

Movimento negro

Black Panthers

Tombamento

Movimento musical brasileiro

Tropicália



Pabbllo Vittar

Artista trans brasileira

Rogéria



*Origem*, de Dan Brown

Best-seller internacional

*Aeroporto*, de Arthur Hailey

Roberto Bolaño (2004)

Escritor latino-americano

Gabriel García Márquez (1987)  
*Cem Anos de Solidão*



Adriana Lima

Slavoj Žizek

Guru da esquerda

Herbert Marcuse



Twiggy



**BARRICADA DO ROCK** Os Rolling Stones em 1968: a canção de apoio ao movimento estudantil francês ironizava a "sonolenta Londres"

REVISTA: CONTIGO; REUTERS/DANNY MOLOSHOK; NINA LIMA/EXTRA; POPPERFOTO/GETTY IMAGES

“que são filhos dos pobres”. No campo do pensamento de esquerda, havia radicalismos de diversos matizes e intensidades, nem todos alinhados às agitações do dia. A associação entre opressão política e repressão sexual do alemão Herbert Marcuse caía bem entre a juventude extremista, a ponto de *Eros e Civilização* ter se tornado best-seller até no Brasil (aparecia em quarto lugar na lista de mais vendidos publicada na primeira edição de VEJA; o primeiro lugar era o hoje igualmente esquecido *Aeroporto*, de Arthur Hailey, que depois inspiraria um filme de semelhantes sucesso e esquecimento). Mas seu companheiro de geração Theodor Adorno (1903-1969) caiu em desgraça quando, durante a ocupação da Universidade de Frankfurt, estendeu a mão para cumprimentar um policial.

Nem todo radicalismo era político. O experimentalismo visual de 2001 — *Uma Odisseia no Espaço*, de Stanley Kubrick, nada tinha a dizer sobre o Vietnã. E no meio das escaramuças ideológicas ainda havia amplo espaço para a

carece de canções como *Andança*, uma das mais ouvidas do ano no Brasil (para nem falar de *O Inimitável*, disco em que Roberto Carlos começa a se afastar da jovem guarda). Para a MPB, porém, 1968 será sempre o ano do tropicalismo. *Tropicália ou Panis et Circensis*, o disco-manifesto do movimento, com Caetano, Gil, Tom Zé, Gal Costa, Rogério Duprat e os Mutantes, entre outros, traz a data emblemática de “maio de 1968”. O choque da ousadia estética com o extremismo político se daria no III Festival Internacional da Canção, quando Caetano levou ao palco uma música inspirada em um slogan francês, *É Proibido Proibir (leia mais a respeito na pág. 84)*. A canção, que o próprio Caetano julgava fraca, hoje é pouco lembrada, mas o discurso furibundo com que ele peitou a juventude de esquerda que o vaiou em São Paulo entrou para a história. Aquele público não aceitava as guitarras dos Mutantes nem a performance anárquica do cantor, vestido com roupas de plástico. “Se vocês forem em política como são em estética, estamos fei-



MARK AND COLLEEN HAYWARD/REDFERNS/GETTY IMAGES

tos”, disse para a multidão. Suprema provocação, Caetano ainda igualou os jovens esquerdistas aos brucutus do Comando de Caça aos Comunistas que meses antes haviam agredido os atores da peça *Roda Viva* — de Chico Buarque, com direção de José Celso Martinez Corrêa — em São Paulo e Porto Alegre. GANHOU o apoio de Nelson Rodrigues, o reacionário, que em *O Globo* elogiou a coragem individual de Caetano ao enfrentar os jovens que “cavalgavam as cadeiras e atiravam patadas como rútilos centauros”. Nelson tomou o episódio como pretexto para atacar a cultura jovem então dominante — nas suas palavras, a “jovem obtusidade”. Caetano Veloso então contava 26 anos.

Ponto comum entre o beatle e o revolucionário comunista, entre o cantor baiano e o público que o vaiava: eram todos jovens. “Toda geração vê o mundo como novo. A geração dos anos 60 via o mundo como novo e jovem”, definiu o historiador Tony Judt, um inglês que esteve em Paris no maio de 1968 e não se impressionou com o que viu. O radicalismo político do jovem que lançava paralelepípedos contra a polícia envelheceu e hoje só é cultuado por nostálgicos da revolução que não houve. A arte jovem de 1968 em grande parte ainda soa vibrante. E radical. ■



**@Chico Buarque** • 9 de dezembro

Nem toda loucura é genial,  
nem toda lucidez é velha.

[#ArtigonaÚltimaHora](#) [#tropicalismo](#)  
[#MPB](#)

10 1000 12000



**@Presidência** • 13 de dezembro

Art. 2º – O presidente da República poderá decretar o recesso do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas e das Câmaras de Vereadores, por ato complementar, em estado de sítio ou fora dele. [#AI5](#)

[#CostaeSilva](#)

2 3 0



**@Jarbas Passarinho**

• 13 de dezembro

Às favas, senhor presidente, neste momento, todos os escrúpulos de consciência. [#AI5](#) [#CostaeSilva](#)

1 1 0



**@Jornal do Brasil**

• 14 de dezembro

Ontem foi o Dia dos Cegos.

[#jornalismo](#) [#ironia](#)  
[#primeirapágina](#)

9 10 100



**@Jornal do Brasil**

• 14 de dezembro

Tempo negro. Temperatura sufocante. O ar está irrespirável. O país está sendo varrido por fortes ventos. Máx.: 38 graus, em Brasília. Mín.: 5 graus, nas Laranjeiras. [#jornalismo](#) [#ironia](#)  
[#primeirapágina](#)



9 10 100



IDEIAS

# “É PROIBIDO PROIBIR”

Consagrado há meio século pelos jovens universitários de Paris, o lema que correu o mundo se mantém atual diante de uma das grandes ameaças do século XXI — a intolerância **RINALDO GAMA**

**ELES ERAM JOVENS.** Mas é de duvidar que aquele tenha sido o melhor ano de sua vida. Afinal, não há nada de minimamente prazeroso em respirar gás lacrimogêneo, obrigar-se a atirar pedras nos inimigos e viver correndo da polícia — nem sempre com sucesso. Em 1968, mais exatamente no mês de maio de 1968, mais precisamente ainda no mês de maio de 1968 em Paris, os dias eram assim. Havia, de um lado, as passeatas dos universitários, que tinham começado o ano com reivindicações próprias da, chamemos deste modo, “categoria”, e agora já mobilizavam outros tantos descontentamentos. Havia, no polo contrário, as forças policiais, a postos para conter quaisquer excessos. Com isso, o confronto passou a ser inevitável. Em pouco tempo, o movimento dos estudantes desencadeou uma crise de autoridade. Os muros da cidade escancaravam o que estava acontecendo.

Por toda parte era possível ler grafites de contestação da ordem vigente. *Il est interdit d’interdire* — “É proibido proibir” —, bradava o mais célebre deles. “É proibido proibir, lei de 10 de maio de 1968”, especificava uma de suas versões de maior carga provocativa, numa alusão ao aviso oficial “É proibido colar cartazes, lei de 29 de julho de 1881”. Eles eram jovens — e, como se costumou assinalar, amavam tanto a revolução. Cinquenta anos depois, todos envelheceram, é claro. Uma pergunta, no entanto, se impõe: esse envelhecimento teria ocorrido também

com a rebeldia embutida em seu slogan máximo, com o “não ao não” que Caetano Veloso cantou, apenas quatro meses após os distúrbios do maio francês, em uma música intitulada justamente *É Proibido Proibir?*

O cenário de guerra começou a se armar, na verdade, em janeiro de 1968. No dia 8 do primeiro mês daquele ano simultaneamente *mirabilis* e *horribilis*, como frisou o colonista Roberto Pompeu de Toledo na edição passada de VEJA, o ministro da Juventude, François Missoffe, dirigiu-se até a Universidade de Nanterre para inaugurar uma piscina olímpica. Lá, Missoffe, que em 1967 havia escrito no *Livro Branco da Juventude*, publicação oficial da pasta, que o jovem francês “se interessava por todos os grandes problemas do momento, todavia não pretende entrar tão cedo na política”,

viu sua tese ruir de maneira espetacular. Atravessou-lhe o caminho um estudante de sociologia de 22 anos, algo truncado e de cabelos ruivos, que, depois de pedir-lhe que acendesse o cigarro, disparou: “Li o seu dossiê. São 600 páginas de inépcias. Vocês nem sequer tocam na questão sexual dos jovens”. Missoffe respondeu: “Com a cabeça que você tem, deve conhecer certamente problemas dessa ordem. Eu só poderia lhe aconselhar um mergulho na piscina”. Ao que Daniel Cohn-Bendit, o ruivo, sem hesitação, retrucou: “Eis uma resposta digna das juventudes hitleristas”. Despontava, ali, Dany, le Rouge (Dany, o Vermelho), que se tornaria uma espécie de sinônimo do Maio de 1968 — embora o movimento procurasse evitar a individualização de lideranças, preferindo destacar a inexistência de um comando centralizador, o que daria à coisa um caráter mais propriamente co-

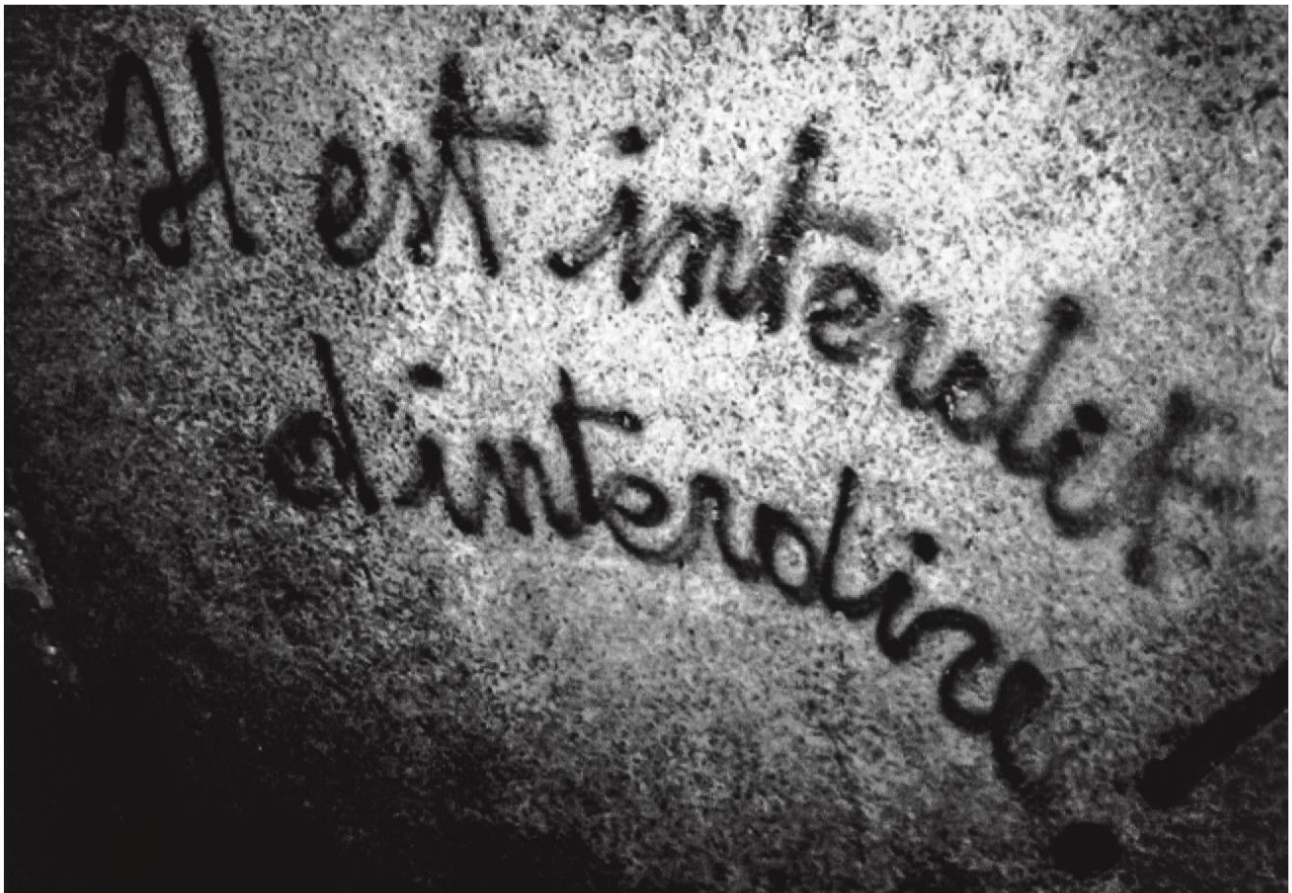
letivo. Cohn-Bendit estaria à frente do histórico 22 de março — quando os alunos tomaram o prédio da administração de Nanterre, enfurecidos com a prisão de um colega que pertencia a um comitê contrário à Guerra do Vietnã — e das ruidosas batalhas de maio, na capital francesa, especialmente a do dia 13, apesar de sua ordem inicial ter sido “ocupar o Quartier Latin sem enfrentamento com a polícia”. Nascido na França, Dany, o Vermelho, tinha a nacionalidade dos pais, judeus-alemães. Chegou a ser ameaçado de expulsão da universidade, contudo a reação dos estudantes impediu que o reitor de Nanterre levas-

se a decisão adiante. Atônitos, o governo do presidente Charles de Gaulle, as autoridades universitárias, a imprensa, a opinião pública, o establishment, como um todo, não sabiam como encarar a revolta. “A barricada fecha a rua, porém abre o caminho”, registrou alguém num muro qualquer da capital da França.

Foi o ator, humorista, escritor, diretor e cantor parisiense Jean Yanne, pseudônimo de Jean Gouyé (1933-2003) — que trabalhou com Jean-Luc Godard, Claude Chabrol e Maurice Pialat —, quem cunhou o lema inexecutável: “É proibido proibir”. Se a expressão foi dita ou não em tom de *boutade*, não importa. O fato é que a juventude a levou a sério. “A frase ganhou a conotação de luta antiautoritária, exprimindo o desejo do jovem de pensar por si mesmo, à distância dos

**Foi o humorista e ator Jean Yanne, que trabalhou com Godard e Pialat, quem cunhou o célebre slogan**





GAMMA

**“NÃO AO NÃO”** A frase no idioma original, o francês, pichada num muro parisiense em 1968: inspiração para uma música de Caetano Veloso, encomendada pelo produtor Guilherme Araújo e vaiada no Festival Internacional da Canção, no Tuca, teatro da PUC de São Paulo

conformismos dos partidos organizados e sua lógica de tomada do poder”, explica Olgária Chain Feres Matos, professora titular do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP) e autora do introdutório *Paris 1968: as Barricadas do Desejo* (1981). “O slogan pôde se universalizar porque estavam então em vigor muitas ditaduras, tanto na América Latina como na Europa. Num ano por excelência antiautoritário, a máxima universalizou a crítica aos valores impostos do consumo, da técnica, dos lazeres alienados, da indústria cultural, da civilização do automóvel, da vida burocratizada e administrada”, observa Olgária.

“Aquele era, indiscutivelmente, um aviso, um basta que a juventude estava dando ao discurso dos poderosos: ‘Você não vai mais dizer o que eu devo ser’. Esse era o seu lado positivo. O lado negativo é que se tratava, ainda, de um discurso do confronto”, diz o psicanalista e psiquiatra Jorge Forbes. “Para Jacques Lacan, aquele que denuncia o tirano por meio do confronto ‘melhora’ a tirania. Ele defendia uma outra proposta: um discurso capaz de gerar a vergonha, o

ridículo, mais do que o temor.” De qualquer forma, Lacan (1901-1981) chegou a se encontrar com Cohn-Bendit no auge dos entreveros de 1968, conforme relata Elisabeth Roudinesco em sua biografia do analista francês, editada em 1993. No dia seguinte ao da reunião, ele comentaria em seu seminário na École Normale Supérieure: “Venho me matando em dizer que os psicanalistas deveriam esperar alguma coisa da insurreição; há os que retrucam: o que a insurreição poderia esperar de nós? A insurreição responde-lhes: o que esperamos de vocês, no caso, é que nos ajudem a lançar paralelepípedos”.

Ao que se sabe, embora Lacan tenha colocado sua assinatura em um manifesto de apoio aos rebelados, e a famosa foto de Dany, o Vermelho, encarando um policial tenha ido parar na capa do póstumo *O Seminário — Livro 17: o Averso da Psicanálise* (1991), que cobre o período das aulas que deu entre 1969 e 1970, o psicanalista jamais saiu às ruas para arrancar paralelepípedos e atirá-los nos soldados. Já os filósofos franceses Jean-Paul Sartre e Michel



## IDEIAS

Foucault foram às passeatas de maio de 1968. Com uma diferença: enquanto Foucault atribuía aos acontecimentos do período o início de seu interesse pela reflexão sobre o poder, Sartre confessaria, em 1970, que ainda estava pensando no que havia acontecido dois anos antes e “não tinha compreendido muito bem: não pude entender o que aqueles jovens queriam”.

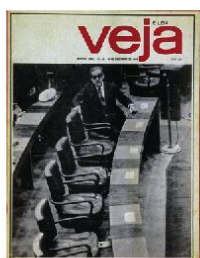
A busca de certa legitimidade para o movimento a partir do aval de mestres como Lacan, Sartre e Foucault não deixa de ser uma curiosa contradição por parte de quem se situava na contramão da sociedade estabelecida, e, nas palavras de Forbes, entre os pioneiros “de uma nova ordem mundial, pós-moderna, com a perda de importância da autoridade vertical do Estado, da Igreja, do Pai etc.”. Seja como for, não foi essa tentativa de encontrar apoio na *intelligentsia* ao propósito de “abrir uma brecha” que animava o movimento, segundo o próprio Cohn-Bendit, que fez com que os universitários não alcançassem seus objetivos. Os contestadores cumpriram o seu papel, entretanto não foram capazes, naquele momento, de mudar, de transformar a ordem em vigor. “Hoje estamos mais próximos do que representou Maio de 68 do que em 1969”, acreditava Dany, o Vermelho, já na década de 80. “Em 1968 se dizia: os velhos esquemas não funcionam mais. Em 1969 se produziu a reparação de tais esquemas”, avaliou ele.

No Brasil, o recrudescimento de um regime que, por definição, já era duro não esperou nem mesmo 1969. Vaiado

ininterruptamente, Caetano Veloso nem sequer conseguiria cantar *É Proibido Proibir* — uma encomenda do produtor Guilherme Araújo (1936-2007), que se empolgara ao ver fotos de um muro grafitado com a frase — numa etapa do III Festival Internacional da Canção realizada no Tuca, o Teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. “Mas é isso que é a juventude que diz que quer tomar o poder? (...) Vocês não estão entendendo nada, nada, nada!”, esbravejou o baiano, num irado discurso em que pediu para ser desclassificado na competição. O ataque maior contra a proposta de que era proibido proibir viria em 13 de dezembro, com a decretação do AI-5, que, sem o menor constrangimento, sentenciou: estava tudo proibido.

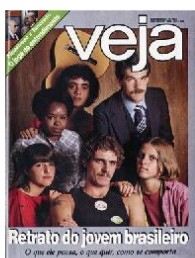
Ao menos por aqui, o ideal libertário de 1968 passaria mais de duas décadas ensurdecido. Não por acaso, em maio de 1984, mesmo após toda a campanha das diretas, uma reportagem de capa de VEJA trazia o resultado de uma pesquisa feita com jovens que mostrava que os contestadores representavam apenas 5% de quem tinha entre 15 e 24 anos, enquanto a soma de conservadores e integrados às diretrizes vigentes alcançava 53%. Em outubro de 1990, em nova reportagem sobre o tema baseada em pesquisa, VEJA revelava que os filhos dos rebeldes da década de 60 viviam acomodados, sem nenhuma intenção de derrubar coisa alguma. O ardor transformacionista só voltaria a ser forte em 1992, com os caras-pintadas, que foram às ruas para exigir o impeachment de Fernando

## SILÊNCIO E PROTESTO EM CAPAS DE VEJA



### DEZEMBRO DE 1968

O AI-5, decretado no dia 13, fechou o Congresso. A edição de VEJA com o presidente Costa e Silva na capa foi apreendida nas bancas. Estava tudo proibido



### MAIO DE 1984

Uma pesquisa realizada com jovens de 15 a 24 anos, no Rio de Janeiro e em São Paulo, revelou que apenas 5% deles poderiam ser classificados como rebeldes



### OUTUBRO DE 1990

Numa reportagem centrada em adolescentes, a revista mostrou que os filhos dos contestadores dos anos 60 eram acomodados aos valores familiares



### SETEMBRO DE 1992

As mobilizações que culminaram no impeachment de Collor de Mello foram lideradas pelos estudantes caras-pintadas; a juventude voltava a protestar maciçamente na rua



### JUNHO DE 2013

Iniciadas como reação ao aumento da tarifa dos ônibus na capital paulista, as “jornadas de junho” ganharam novas demandas, acuando o governo da presidente Dilma



**O HORROR, O HORROR** Cena de vídeo postado no YouTube em 2015 pelo Estado Islâmico: não é aceitável que as redes sociais, em que todos dizem o que querem, sem proibição, sejam usadas para difundir o discurso do ódio, o antônimo da tolerância

Collor de Mello. No movimento daqueles estudantes que pintavam o rosto de verde e amarelo podia se notar, para além da juventude, uma outra característica que os aproximava do Maio de 1968. Diferentemente dos comícios das diretas, protagonizados por líderes políticos de peso — só na Praça da Sé, em 25 de janeiro de 1984, estavam dois nomes que seriam eleitos presidente da República: Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva —, os personagens principais das passeatas de 1992 eram moças e rapazes anônimos. A ideia de uma mobilização marcada pela ausência de lideranças específicas voltaria com as já históricas jornadas de junho de 2013 — que começaram no Rio de Janeiro e em São Paulo sob o pretexto de repudiar um aumento nas tarifas de ônibus, no entanto logo deixaram claro que se tratava de um protesto contra “tudo isso que está aí”. Organizadas à margem de políticos, sindicatos e afins, as jornadas eram um claro sintoma do que veio a ser chamado de “partidofobia”. A mesma “partidofobia” que se verificaria nas manifestações de 2016 em favor do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff — que puseram nas ruas a exacerbação dos ânimos inflamada pela internet.

Com seu ar de indomáveis, as redes sociais poderiam passar a mensagem de que seriam as mais legítimas repre-

sentantes do ideal que há por trás da máxima “é proibido proibir” — nelas, todos falam o que bem entendem. “O Maio de 1968 negava o discurso de ódio oficial. O ‘é proibido proibir’ queria quebrar as diferenças de sexo, de raça etc. O que se vê nas redes é o contrário disso: são ‘tribunais especiais de justiça’, que julgam, condenam e até matam”, aponta **Roberto Romano**, professor de ética e filosofia da **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)**. “O que temos é a utilização das técnicas mais modernas no exercício das práticas mais antigas”, prossegue ele. Para Romano, o legado de 1968 foi “muito rapidamente vencido pelo movimento da própria sociedade”, porém “deixou algumas sementes, como a da defesa ambiental do planeta”.

A questão atual do “é proibido proibir”, sobretudo em decorrência da internet, é quanto ela poderia servir de lição para estancar a onda de intolerância que ameaça o século XXI — desde o bullying nas escolas até a difusão do terror pelo Estado Islâmico. O limite da tolerância é a intolerância: não se pode aceitar que o espaço democrático insaurado pela era digital na ágora virtual seja posto a serviço de hordas de perseguição que, se vitoriosas, tomariam como primeira providência exatamente a supressão do tal espaço democrático. Dito de outro modo: é proibido proibir porque é proibido proibir. ■